

# CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA - SUPLEMENTO 1  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY - SUPPLEMENT

## SOTERIOLOGIAS IDENTIDADES E SALVAÇÃO

ORGANIZADORES:

CARLOS ALMEIDA, FILIPA ROLDÃO, CATARINA ALMEIDA



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY





**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**SUPLEMENTO | SUPPLEMENT**

**1**

*Soteriologias. Identidades e Salvação*

**Organizadores**

Carlos Almeida

Filipa Roldão

Catarina Almeida

**CH**  
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2021



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**SUPLEMENTO 1 | SUPPLEMENT 1**

**Editor Principal | Editor-in-chief**

Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês Garcia-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

**Título | Title**

*Soteriologias. Identidades e Salvação*

**Organizadores do Suplemento | Supplement Organisers**

Carlos Almeida, Filipa Roldão, Catarina Almeida

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

André Morgado

**Comissão Científica da Revista | Editorial and Scientific Board**

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Univeristà degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

**Conselho de Arbitragem para o Presente volume | Peer Reviewers for this Supplement**

Arlindo Manuel Caldeira (Universidade Nova de Lisboa); Clelia Martínez Maza (Universidad de Málaga); Francesc Casadesús i Bordoy (Universitat de les Illes Balears); François Soyer (University of Southampton); Hermenegildo Fernandes (Universidade de Lisboa); Isabel Drummond Braga (Universidade de Lisboa); José Alberto R. Silva Tavim (Universidade de Lisboa); José Damião Rodrigues (Universidade de Lisboa); Margarida Garcez Ventura (Universidade de Lisboa); † Maria Filomena Lopes de Barros (Universidade de Évora); Maribel Fierro (Consejo Superior de Investigaciones Científicas); Massimiliano David (Università di Bologna); Paula Barata Dias (Universidade de Coimbra); Roberto Guedes Ferreira (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro); Santiago Macías (Campo Arqueológico de Mértola); Sérgio Campos Matos (Universidade de Lisboa)

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2021

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

ISBN: 978-989-8068-30-9

Depósito legal (*Cadmo*): 54539/92

Depósito legal: 485942/21

Tragem: 150 exemplares

P.V.P.: 15.00 €

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extensão: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020. This work is financed by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the projects UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.





# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

- 11 APRESENTAÇÃO  
Carlos Almeida, Filipa Roldão e Catarina Almeida
- 21 RELIGIÕES DE SALVAÇÃO:  
A construção de um macroconceito  
*RELIGIONS OF SALVATION:  
The making of a macro-concept*  
Alfredo Teixeira
- 49 SALVAÇÃO, IDENTIDADE E SENTIDO NO HORIZONTE HISTÓRICO  
DO JUDEO-CRISTIANISMO  
*SALVATION, IDENTITY AND SENSE ON THE HISTORICAL HORIZON  
OF JUDEO-CHRISTIANITY*  
José Augusto Ramos
- 77 OS QUALIFICATIVOS SOTER, SOTEIRA E SOTERES  
NO ÂMBITO DA DINASTIA LÁGIDA:  
Índices de construção de uma (nova) identidade política  
*THE EPITHETS AND SURNAME SOTER, SOTEIRA AND SOTERES  
IN THE SCOPE OF THE LAGID DYNASTY:  
Indexes of construction of a (new) political identity*  
José das Candeias Sales
- 103 SOTER:  
Epíteto divino e real  
*SOTER:  
Divine and royal epithet*  
Sofia Vasconcelos Nunes
- 129 WAITING FOR THE SALVATION:  
A perspective on Mithras soteriology  
*ASPETTANDO LA SALVEZZA:  
Una prospettiva sulla soteriologia nel Mitraismo*  
Marco Alampi

- 145 DE CÓRDOVA A MECA:  
A peregrinação dos letrados no al-Andalus do século XI  
*FROM CORDOBA TO MECCA:  
The 11<sup>th</sup> century Andalusí scholars' pilgrimage*  
Ana Miranda
- 171 PEREGRINO EM MECA OU GUERREIRO NO AL-ANDALUS?  
Estratégias para reforçar os exércitos almorávidas  
na luta contra os cristãos (século XII)  
*PILGRIM IN MECCA OR WARRIOR IN AL-ANDALUS?  
Strategies to reinforce the Almoravid armies  
in the war against the Christians (twelfth century)*  
Inês Lourinho
- 193 OS JUDEUS EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XIV E XV:  
Indícios de uma cultura reactiva  
*THE JEWS IN PORTUGAL IN THE FOURTEENTH AND FIFTEENTH CENTURIES:  
Evidence of a reactive culture*  
José Alberto R. Silva Tavim
- 221 SALVAÇÃO, PROBLEMAS DE CONSCIÊNCIA E CATARSE  
NA DRAMATURGIA PORTUGUESA QUINHENTISTA  
*SALVATION AND PROBLEMS OF CONSCIENCE AND CATHARSIS  
IN 16<sup>TH</sup> CENTURY PLAYWRITING*  
Maria Leonor García da Cruz
- 247 O COMÉRCIO DOS CORPOS E A PERDIÇÃO DAS ALMAS:  
O baptismo dos escravos do arquipélago de Cabo Verde  
(1460 - século XVIII)  
*THE BODIES TRADE AND THE SOUL'S DAMNATION:  
Slaves' baptism in the Cape Verde archipelago (1460 - 18<sup>th</sup> century)*  
Maria João Soares

- 277    **TRANSACTIONS WITH THE SACRED:**  
The political fashioning of religious experience in the Portuguese  
Jewish community of Hamburg  
*TRANSACÇÕES COM O SAGRADO:*  
*A construção política da experiência religiosa na comunidade*  
*judaico-portuguesa de Hamburgo*  
Hugo Martins
- 297    **A COMÉDIA DA SALVAÇÃO NO PENSAMENTO POLÍTICO MODERNO:**  
Uma proposta de abordagem  
*THE COMEDY OF SALVATION IN MODERN POLITICAL THOUGHT:*  
*A suggested approach*  
Fernando da Cruz Gabriel



# **SALVAÇÃO, IDENTIDADE E SENTIDO NO HORIZONTE HISTÓRICO DO JUDEO-CRISTIANISMO**

## *SALVATION, IDENTITY AND SENSE ON THE HISTORICAL HORIZON OF JUDEO-CHRISTIANITY*

José Augusto Ramos

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

joseramos@letras.ulisboa.pt |  <https://orcid.org/0000-0002-3247-2163>

### **Resumo**

Esta síntese acaba por recolher da história elementos adequados para uma redefinição do próprio conceito de salvação. Em cada época e contexto se poderia obter uma síntese específica. Fazê-lo para o final da Idade Média, por exemplo, daria certamente um resultado bem diferente daquele que neste horizonte longo se poderá recolher. *A Divina Comédia*, de Dante, teria numa tal síntese mais ressonância do que aquela que tem aqui. Esta longa evolução das hermenêuticas representa um processo de renovação da consciência antropológica. E as fórmulas mais antigas e originárias acabam por nos surpreender, sugerindo semânticas capazes de uma maior contemporaneidade.

### **Palavras-chave**

Salvação, identidade, sentido, judeu-cristianismo

### **Abstract**

This synthesis ends up collecting from history appropriate elements for a redefinition of the very concept of salvation. In each age and in each context one could obtain a specific synthesis. To do it at the end of the Middle Ages, for example, would certainly give a very different result from that which on this long horizon can be collected. Dante's *Divine Comedy* would have in such synthesis more echo than the one it has here. This long evolution of hermeneutics represents a process of renewal of the anthropological consciousness. And the oldest and most original formulas end up surprising us and suggesting semantics of greater contemporaneity.

### **Keywords**

Salvation, identity, sense, Judeo-Christianity

## **Definições e estratégias**

O horizonte histórico que assumimos para análise oferece um campo de reflexão de amplitude superior a três milênios, devidamente recheados de textos. Juntando judaísmo e cristianismo, consegue-se uma convergência de duração e de conteúdos que é útil para uma síntese representativa. A primeira vantagem é a de um fio de leitura multimilenar, autêntico dicionário de percursos feitos e semânticas investidas, na demanda de horizontes, interesses e sentidos, leitura insistentemente prosseguida ao longo desta história. A questão que se levanta e nos interessa é a de ver onde está o foco essencial das expectativas de salvação, expectativas com que os humanos se definem, se programam e se projetam. Esta síntese acaba por recolher da história elementos adequados para uma redefinição do próprio conceito de salvação. Em cada época da história se poderia obter uma síntese específica. Fazê-lo para o final da Idade Média, por exemplo, daria certamente um resultado bem diferente daquele que neste horizonte longo se poderá recolher. *A Divina Comédia*, de Dante, teria nessa síntese mais eco do que aquela que tem aqui. Esta longa evolução das hermenêuticas representa o processo de renovação da consciência antropológica. E as fórmulas mais originárias acabam por nos surpreender, sugerindo semânticas de maior contemporaneidade.

Apesar de pertinentes, não poderemos tratar por separado cada um dos conceitos, salvação, identidade e sentido, destacados em título. Fá-lo-emos de modo articulado, à medida que os matizes se vão sobrepondo e formando um conjunto de sinónimos em sistema. Cada um deles sugere um aspeto essencial como caminho de hermenêutica. A tarefa a que esta demonstração nos obrigou foi a de ir arrumando ideias e conceitos que, desde há muito, se cruzam entre as coordenadas fundamentais da religiosidade e lhe dão alguma complexidade. A sensação final de podermos antever novos horizontes é, por isso mesmo, compensadora.

Dispensamo-nos de tratar o conceito taxonómico de religiões de salvação, importante para as comparar, quanto aos objetivos propostos por cada uma. O conceito de salvação anda igualmente ligado, em sistema, a outros grandes temas do discurso teológico judaico-cristão, tais como justificação, santificação, graça, revelação, redenção, etc. A intenção de colocar esta reflexão sobre semânticas da soteriologia na perspetiva histórica do judeo-cristianismo foi, como se disse, a de conseguir melhor definição entre matizes semânticos num espaço longo e pedagogicamente propício. O nosso olhar pode, assim, espriaiar-se por toda a extensão da literatura bíblica e prolongar-se ainda ao longo da história do pensamento teológico-hermenêutico, tanto cristão como judaico, seja nas construções teológicas seja nas mentalidades e formulações populares. O que é essencial presta-se bem a esse jogo.

### **Salvação e hermenêutica do quotidiano**

À partida, o termo salvação, com a sua ressonância essencial, poderia sugerir algo de abstrato. Adjetivado como salvação eterna, parece ainda mais distante. Desde cedo, porém, verificamos que a ideia de salvação anda ligada a factos concretos, históricos e imediatos, em que se reconhecem e celebram experiências de libertação, com interesse imediato, apetecível e compreensível. Estas experiências acontecem em domínios variados e comezinhos da existência humana, individual e coletiva. Esta variedade, em vez de desorientar,

reconforta e enriquece. Exemplos de salvação referem-se a doença, perigos, prisão, males, guerra, morte e outros deste género. São momentos de satisfação, por objetivos que os humanos se propõem e têm a peito. É justamente no horizonte englobante destas experiências de interesse evidente que o conceito de salvação se define e se aprofunda. Não é teórico nem distante. Tem tudo a ver com satisfação.

Para ilustrar esta descoberta de um conceito importante por dentro de acontecimentos concretos e históricos, cabe aduzir a experiência de investigação vivida por um biblista português de grande mérito.<sup>1</sup> Costumava ele recordar que se dirigiu à École Biblique et Archéologique Française de Jerusalém no intuito de investigar para uma tese de doutoramento sobre a salvação, por ser uma categoria bíblico-teológica importante. Passados anos, achou-se a concluir uma tese pioneira sobre textos do profeta Isaías e outros da literatura bíblica coeva, relativos ao assédio lançado pelo rei assírio, Senaqueribe, contra a cidade de Jerusalém e o reino de Judá. Em tal contexto, salvação não era um discurso de intenção doutrinal, moral ou teológica e muito menos escatológica. O vocabulário de salvação acumulado incidia, antes, sobre as circunstâncias de um resgate, que proporcionou à cidade ver-se maravilhosamente libertada e sobrevivendo a uma guerra terrível. Salvação equivalia a libertação, com uma dimensão histórica, concreta e apetecível.

Na literatura sobre Isaías, com efeito, verifica-se um uso particularmente intenso da raiz verbal da qual deriva o conceito de salvação. Trata-se da raiz hebraica *yasha'*, que significa essencialmente “salvar, libertar, vencer, triunfar”. Entretanto, as estatísticas lexicais da Bíblia dizem-nos que, para além da grande percentagem que ocorre no livro dos Salmos, é em livros como o dos Juízes, de Samuel e de Isaías que o uso da raiz *yasha'* mais frequentemente aparece na Bíblia hebraica.<sup>2</sup> Nos casos de Isaías, Juízes e Samuel, é o contexto da experiência histórica coletiva, em fase de constituição e de sobrevivência, que define os matizes do conceito de salvação. Nos Salmos, as conotações poderiam ser aparentemente mais pessoais, mais íntimas e mais abstratas, dado o caráter

---

1 Trata-se da obra magistral de Francolino J. Gonçalves (1986).

2 Stolz 1971, 786.

mais pessoal daqueles poemas. No entanto, mesmo sugerindo categorias mais abstratas, a literatura dos Salmos carrega em si o significado bem concreto das experiências da consciência pessoal, projetadas num horizonte de ressonância transcendente. É, com efeito, no livro dos Salmos que se encontra o maior número de referências à salvação.<sup>3</sup> Com efeito, prevalecem nele as fórmulas de síntese, exprimindo estados de consciência e interesses hermenêuticos sobre acontecimentos especiais, marcados por um relacionamento explícito de diálogo e cumplicidade com Deus. Um dado essencial da fé, tanto no judaísmo como no cristianismo, que aparece vincado nos Salmos, é Deus como principal agente desta salvação quotidiana.<sup>4</sup> Com esta base, aquilo que se afirma é um postulado de confiança e uma visão de otimismo sobre o mundo e a vida. O resgate que a salvação representa é também contra o pessimismo.

A frequência com que a raiz *yasha* aparece a fazer parte de nomes de personagens bíblicas diz bem da sua aceitação e popularidade. É o comandante Josué, os profetas Isaías e Oseias e várias outras personagens menos destacadas, com os nomes de Jechua, Josué e Jicheí e, finalmente, o próprio Jesus. Na verdade, o caso de Jesus poderá ser aquele em que um nome formado com base na raiz que significa salvar está mais profundamente chamado a funcionar como o elemento que define o sentido de salvador, válido para todo o Evangelho de Lucas e para todo o Novo Testamento.

Esta associação entre os conceitos de salvação e de libertação traduz muito do significado que a palavra salvar representa ao longo de toda a Bíblia. Quer se trate de grandes atos de libertação, como aquele que preenche as narrativas da saída do Egito, quer se trate de uma solução adequada para situações mais quotidianas de sofrimento e angústia, o conceito bíblico de salvar está presente, antes, é omnipresente na Bíblia.

Tempo privilegiado para experimentar grandes emoções de salvação é a guerra; e é para esse contexto que é principalmente requisitado o papel de Deus como salvador, de modo a garantir o resgate e a vitória. Nas recentes traduções

---

3 Exemplos mais salientes são os seguintes conjuntos de salmos: Sl 18; 30-31; 34; 46; 48; 68; 91; 95-99; 105-107; 116; 118; 136; 145.

4 Richardson 1962, 168.

da Bíblia, o contexto de guerra favorece a opção em traduzir o conceito hebraico de salvação (*yešû'ab*) por um termo como “vitória”, “triunfo” ou “auxílio”. Estas equivalências de tradução assumem matizes de definição mais concretos do que aquilo que o termo genérico de salvação tradicionalmente utilizado parecia transmitir. Com este equivalente de tradução, dá-se um importante salto hermenêutico, que as traduções perfilham, cada vez em maior número.<sup>5</sup>

É, pois, neste contexto de hermenêutica das experiências que assenta a ideia de salvação. Salvação é, então, um estado de consciência marcado pela satisfação relativamente ao mundo e à vida; implica uma dose predominante de confiança, que se desdobra na consciência da ajuda divina providencial. A consciência de salvação implica a certeza de um salvador, mesmo que não precise de recorrer à intervenção salvífica de mais ninguém para além de Deus. O nível de eficácia implicado no conceito de salvação define com naturalidade o postulado da intervenção divina. No Antigo Testamento, o título de Salvador é, por isso, uma maneira inteiramente natural de se referir a Deus. Deus define-se principalmente como aquele que é capaz de salvar de todos os apertos e angústias. A aplicação tão natural do título de Salvador a Jesus, no Novo Testamento, espelha, de forma incisiva, a maneira como, no ambiente judaico da época neotestamentária, se caracterizam as figuras messiânicas, caracterizadas com traços divinos. A divinização do próprio Jesus Cristo assenta no contexto das mentalidades helenísticas que diluem a fronteira entre o humano e o divino de forma mais natural do que poderia acontecer no contexto judaico mais tradicional.

---

5 Para perceber como a semântica de vitória e triunfo tem ganhado adesão por parte dos tradutores, basta ver como se amplia a curva semântica da raiz *yasha'* entre dois dicionários hebraicos da mesma escola, a do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, nomeadamente o de Zorell (1968) e o de Schoekel (1991).

## Amplitude semântica dos sentidos de salvação

O conceito de salvação apresenta, portanto, uma variedade de matizes semânticos, desde o mais circunstancial até ao mais abstrato e essencial. Há que assumir, então, a possibilidade de definir um denominador comum. As várias ideias condizentes com o conceito de salvação focam e definem um domínio essencial que tem que ver com o reconhecimento e satisfação das intencionalidades e desejos de bem-estar mais marcantes e representativos.

Na dinâmica das línguas semíticas, o sentido essencial de um grupo de palavras assenta numa estrutura nuclear que corresponde à raiz verbal desse grupo. Ora, o sentido mais nuclear da raiz *yaša'* é o de “dar largueza”.<sup>6</sup> Ela aparece como conceito específico do semítico ocidental, tanto do norte como do sul.<sup>7</sup> O hebraico usa esta raiz somente nas conjugações *hifil* e *nifal*, dispensando, por isso, outros matizes verbais teoricamente possíveis. Esta concentração de meios semânticos acontece, aliás, com muitas outras raízes verbais. Ficam assim disponíveis novas criatividades semânticas que estas línguas facultam e estimulam. Isto significa que, em situações físicas ou em condições psicológicas, a necessidade de salvação se caracteriza pela vontade de ultrapassar situações de aperto e de angústia.<sup>8</sup>

As várias aceções semânticas sobre a salvação constituem uma questão de amplitude de matizes perceptíveis, mais do que propriamente de evolução ou de divergência e contraposição de opiniões, mesmo que possamos verificar as modulações do conceito ao longo de milénios. Trata-se de um percurso básico e essencial da consciência, que envolve compreensão teórica e desenvolvimento prático. Na tradição litúrgica hebraica e cristã, este verbo produziu a fórmula para um grito de alma, que é a conhecida expressão “Hossana”; esta significa: “Por favor, dá(-nos) a salvação!” Esta expressão é igualmente uma forma da conjugação *hifil* do verbo *yaša'*, no imperativo, com ênfase da partícula precativa, *na'*.

---

6 Nelis et Lacocque 1987, 165.

7 Stolz 1971, 785-786

8 O verbo oposto a este parece ser precisamente a raiz *šrr*, que significa “estar apertado” (Stolz 1971, 785; Richardson 1962, 169).

Na tradução para o grego, os Setenta traduziram os derivados da raiz *yaša* com derivados de *sozein/soter/soteria*,<sup>9</sup> cujos matizes semânticos serão tratados noutros capítulos deste livro.

## Paradigma histórico do conceito de salvação

Sob o ponto de vista do léxico utilizado, as narrativas sobre a saída do Egito recorrem menos à raiz *yaša*, “salvar”. Servem-se bem mais de outras expressões de significado afim, como *našal*, “libertar”, e *yaša*, “sair, fazer sair”. No entanto, a saída do Egito, desde há milénios e provavelmente desde o seu início em forma de literatura, é tratada como uma realidade que engloba, na mesma experiência comum, todos os indivíduos da comunidade primeira beneficiária e de todas as suas herdeiras, em todas as épocas.<sup>10</sup> Pelo facto de assegurar uma tal profundidade e ressonância, é natural que este acontecimento se tenha transformado ou tenha nascido literariamente para ser uma espécie de paradigma universal do conceito de salvação. Assim sendo, as principais incidências semânticas do conceito de salvação encontram-se ali estruturadas. Esta narrativa apresenta uma espécie de *performance* ritual, em que o acontecimento histórico se articula de forma viva com o conceito de eternidade ou de solidariedade das consciências, passando por cima de fronteiras de tempo ou hiatos de experiência. Isto faz da fé bíblica, como consciência de salvação na história, não apenas uma filosofia ou teologia, mas uma verdadeira proclamação, um querigma.<sup>11</sup> É a declaração de uma convicção. O paradigmático, aqui, aplica-se ao modelo conceptual e a toda a compreensão antropológica e temporal. Trata-se de uma consciência de solidariedade perene que transforma a continuidade histórica das gerações numa entidade comunitária, como se fosse um “nós” englobante, perene e pertinente,<sup>12</sup> e

9 Stolz 1971, 790; Richardson 1962, 169.

10 Dt 6:21-23, para o período inicial. Esta presença de todos os crentes no ato de libertação inicial é bem sublinhado nos rituais da *bagdadá* da Páscoa, para os tempos presentes, em contínuo movimento de progressão.

11 Richardson 1962, 171-172.

12 Ex 12:14-24. 42; Dt 6:20-25; 1 Jo 1:1-3; Jo 6:53-58; 1 Cor 10:16-17; 11:23-26; Lc 1:68.

define a humanidade numa linha permanente de identidades, como se de uma pessoa coletiva e única se tratasse.

Acabamos por verificar que o êxodo funciona também como um paradigma de salvação que, de modo análogo, se pode aplicar às fases futuras da experiência histórica.<sup>13</sup> É mesmo possível que o grande estímulo para a construção literária, que na Bíblia resultou nas narrativas do êxodo, tivesse sido precisamente a necessidade de fundamentar uma solução confiável para a restauração do futuro, na era do exílio. É possível que o grande interesse pelo êxodo tenha tido a sua origem precisamente nesta necessidade de um enquadramento para definir a ideia de salvar o futuro. Com efeito, o contexto do exílio e a necessidade de uma esperança para o mesmo parece terem sido os fatores que mais intensidade trouxeram à elaboração da temática do Egito e ao seu significado.<sup>14</sup> A utilização do Êxodo como literatura-modelo para uma filosofia ou teologia da libertação acaba por ser um sucedâneo do mesmo conceito de salvação. E se considerarmos as dinâmicas implícitas de acolhimento e respeito para com os migrantes e para com os outros em geral, teríamos mesmo as bases de uma teoria global da sociedade.<sup>15</sup> Fica assim bem à vista que a salvação tem tudo a ver com a realização dos humanos e com a justiça e o sucesso da história.

## Salvação e identidade

Articulados entre si, os conceitos de salvação, libertação e identidade formam uma cadeia conceptual para a qual se pode encontrar uma expressão modelar no livro do Êxodo. Com efeito, “o Êxodo tornou-se um mito fundador de identidade: Israel é o povo libertado e Javé é o Deus da libertação”.<sup>16</sup>

---

13 Markl 2013, 130-131.

14 Nos seus cursos do Instituto Bíblico de Roma, Luis Alonso Schoekel costumava sublinhar que o conceito de êxodo era um paradigma de restauração em triplicado, que abarcava a saída do Egito, o regresso do Egito e a instauração da nova aliança.

15 Assmann 2015, 19 et seq.

16 Kügler 2015c, 51. Como ficou dito acima, este verbo é muito frequente na formação de nomes próprios como Josué, Jesus, Isaías, Oseias... E o nome de Jesus é a chave hermenêutica do Novo Testamento (Lc 1:31).

Duas identidades correlativas são definidas com recurso à mesma categoria de salvação; é a identidade de Israel como liberto e a identidade de Deus como libertador.<sup>17</sup> Talvez nem seja exagerado dizer que estas duas identidades são inteiramente correlativas.

E quanto ao interesse em sublinhar, a propósito da saída do Egito, o tema da identidade de Deus, esta é uma intenção frequentemente reiterada na literatura sobre o tema do êxodo.<sup>18</sup> É de tal maneira intensa esta vontade de acentuar a identidade de Deus que parece mesmo que, ao fazê-lo, os hebreus sentem que se podem dispensar de repetir tão frequentemente definições sobre a sua própria identidade. Ao afirmarem a identidade de Deus, estão a sublinhar, da forma mais apodítica, a sua própria identidade. A naturalidade com que recorrem a referências ao êxodo para fundamentar as suas próprias normas jurídicas, estrutura normativa da sua identidade social, significa o quanto esta referência pesa na sua identidade. Com efeito, toda a questão da identidade e da salvação se concentram e se formulam numa proposição que é colocada na boca de Deus: “Eu e só Eu é que sou o SENHOR.<sup>19</sup> Não há outro salvador, além de mim”.<sup>20</sup>

Ser salvo por Deus é um traço distintivo de identidade para Israel, ao contrário dos outros povos:

O Deus de outrora te dá refúgio sob os seus braços, desde sempre. Ele expulsa o inimigo da tua frente e diz: ‘Destrói!’ Israel habita em segurança; solitária corre a fonte de Jacob para uma terra de trigo e vinho, sob céus que destilam orvalho. Feliz de ti, Israel! Quem é como tu, povo protegido pelo SENHOR? Ele é o escudo do teu socorro, a espada do teu triunfo. Teus inimigos te adularão, mas tu lhes calcarás o dorso!<sup>21</sup>

A maneira específica como a literatura bíblica descreve a saída do Egito serve para definir a identidade dos hebreus também na medida em que ela se contrapõe à dos restantes povos de Canaã, seus vizinhos.<sup>22</sup>

---

17 Kügler 2015b, 377.

18 Markl 2013, 129

19 Escrever a palavra SENHOR em maiúsculas é uma convenção seguida em diversas Bíblias para dizer que no original hebraico aparece o tetragrama divino de Yahweh (Javê), para se referir a Deus.

20 Is 43:11. Vide os vv. seguintes e Is 45:21; Os 13:4.

21 Dt 33:27-29.

22 Markl 2013, 128.

Em contrapartida, esta maneira de usar a saída do Egito como argumento teológico de grande ressonância podia, por vezes, ser considerada exagerada ou abusiva. Parecia, pelo menos, conveniente não a utilizar de uma maneira demasiado exclusivista ou nacionalista. Não seria correto que neste núcleo positivo se infiltrassem as doenças que costumam corromper a identidade. É para estes cuidados que o profeta Amós chama a atenção, ao questionar os israelitas da seguinte maneira: “Porventura não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos cuchitas? Oráculo do Senhor! Acaso não fiz sair Israel da terra do Egito, os filisteus de Caftor e os arameus de Quir?”<sup>23</sup>

Se, por um lado, esta reflexão serve para relativizar pretensões de importância associadas à própria identidade pelos israelitas, ela não deixa de constituir uma ratificação das razões de identidade aqui pressupostas. Isto significa que a história implicada naquela emigração tem laivos de salvação: acrescentou vida e libertou de um espaço que era de escravidão e prisão. A experiência de sair é uma primeira pedra para o edifício da identidade que definirá o futuro. Sair e ser são coordenadas que mostram o significado implicado no ato de migrar, nas culturas do Oriente antigo; o ato aparentemente banal de sair é percebido como uma experiência fundamental de salvação, é um ato constituinte da identidade.

Paralela a estas histórias de sair do Egito e de outras terras, podemos ver a grande história de Abraão, convidado a sair, de forma definitiva e radical, do seu espaço originário. Sair e ser representa a identidade como um abalo de consciência por parte de alguém que emigra e, de repente, se encontra face a face com a alteridade. A identidade, na estrutura da consciência, significa uma plataforma de transcendência e de encontro, não de choque. A saída de Abraão é uma história de salvação, tanto mais que se institui como fonte de bênção para muitos povos.<sup>24</sup> Sair é experiência de crescimento, desenvolvimento e identidade. É, por isso, entendido como um caminho de salvação.

---

23 Am 9:7.

24 Gn 12:1-3.

## A salvação como itinerário histórico

Desde as mais antigas mitologias orientais, sobre as quais a Bíblia assenta algumas das suas principais coordenadas, a história é vista como uma linha de solidariedade entre todos os humanos, ao longo da qual vão inscrevendo a fórmula essencial e unívoca com a qual se definem. A antropologia implicada nessas mitologias é universalista, tanto no espaço como no tempo. Politicamente, esse horizonte poderá parecer uma dimensão menos evidente, porque, no político, muitas realidades dividem. Poeticamente, porém, o universalismo é incontornável. Percebe-se nas mitologias e nas utopias, nas quais o horizonte humano é inteiramente ecuménico, unívoco e solidário. Quando o discurso teológico cristão declara que a história é uma história de salvação, está a definir a totalidade do tempo, do mundo e da humanidade: aponta assim para uma vivência do humano universal, com a tonalidade principal de salvação. Este conceito de salvação é a peça decisiva para uma leitura positiva, esperançosa e satisfeita. Além disso, este sentimento privilegia o significado do presente e faz das suas expectativas o colorido esperançoso com que antevê a história em geral. É aquilo a que se costuma chamar o *kairós*, o momento presente do encontro com o tempo numa atitude de satisfação. É identificar-se com o projeto humano histórico, vivendo-o como uma experiência feliz. Por dentro deste sentimento, corre, de certo modo, a intuição de uma eternidade em dose desejavelmente feliz.

Tal como no tempo de Cristo, visto como momento paradigmático deste *kairós*, cada momento em que se aprofunda o sentido é percebido como uma intensificação do processo de salvação: são os patamares de qualidade da história. Com efeito, o tempo representa um espaço privilegiado e um percurso de salvação. É nele que se incrustam as experiências humanas marcantes da salvação e da memória; é nele que se organizam os momentos da experiência histórica com as variações de tonalidade e qualidade e com os contrastes positivos e negativos em matéria de salvação. Poderão verificar-se, desta maneira, épocas e reinados mais distantes da salvação e outros mais próximos.<sup>25</sup> Esta

---

25 Krüger 2013, 471-472.

relação entre o tempo e a salvação anda particularmente implicada na ideia bíblica de que Deus governa o tempo e os acontecimentos históricos, marcando e determinando assim o processo de ordenamento do mundo.<sup>26</sup> O discurso apocalíptico, no qual é bastante intenso o conceito de salvação, utiliza de forma sistemática esta marcação estrita dos tempos históricos por parte de Deus.<sup>27</sup> É uma espécie de planificação da ideia de salvação. A relação de Deus com a história justifica que esta possa ser vista com confiança e que representa uma relação feliz com o tempo, de modo que todas as coisas que Deus fez são boas a seu tempo.<sup>28</sup>

É certo que, no discurso apocalíptico, tropeçamos com uma tonalidade mais pessimista no modo de falar sobre a história. A razão é que a leitura apocalíptica se assume como uma luta em prol da justiça, uma militância dramática e agónica. Entretanto, qualquer combate pela justiça é um combate pela salvação, uma vez que salvação e justiça são bíblicamente sinónimas uma da outra.<sup>29</sup>

Mesmo que essa imagem concreta possa dar a sensação de se esfumar com o fluir do tempo, atravessando acontecimentos e paisagens que não sugerem a mesma sensação de tranquilidade, o *kairós* acaba por ser aquela modalidade do tempo que tem aquele matiz de qualidade com que está conotada a eternidade. Tomamos aqui o conceito de eternidade segundo o sentido hebraico, no qual ela representa o sentido profundo haurido do tempo. Trataremos mais deste aspeto no subcapítulo seguinte.

A história da salvação não é, por conseguinte, uma perspetiva que se refugia para além da história; é uma maneira de sentir e perceber, definindo um sentido que se desenvolve, coincidindo e englobando o curso normal da história. As peripécias desta evolução a que podemos assistir, por vezes com

---

26 Krüger 2013, 473-474.

27 Collins 2010, 60-61; 340-343.

28 Ecl 3:11: “Ele fez tudo belo para cada tempo e colocou nos seus corações a duração do mundo, mesmo que o homem não consiga encontrar o sentido das obras que Deus fez, desde o princípio até ao fim.” A expressão “colocou nos seus corações a duração do mundo” pode também traduzir-se como “colocou nos seus corações a duração da eternidade”. Esta tradução do autor foi feita para a Bíblia oficial da Conferência Episcopal Portuguesa, em processo de tradução.

29 Representando valores essenciais, a salvação subsume também alguma sinonímia com a justiça (Ramos 2012, 58).

estranheza e espanto, resultam menos escandalosas e mais coincidentes entre si se forem vistas na perspectiva escatológica da antropologia. O bem-estar da salvação, que os hebreus do tempo da Bíblia costumavam identificar com a qualidade de vida vivida neste mundo, não contradiz as representações de um destino humano a realizar no além nem deveria ser contraposto a elas. Veremos por que razão.

### Dialéticas de salvação entre este mundo e o outro

Quando se procura na Bíblia hebraica a questão da salvação humana projetada para depois da morte, fica-se com a sensação de encontrar respostas relativamente frustes. Há certamente uma continuidade do humano para depois da morte, pois, para o homem pré-clássico, o nada não é uma noção logicamente manejável. Porém, no mundo dos mortos, não existem expressões de vida que garantam aos humanos satisfação cabal.<sup>30</sup> O além não aparece, por conseguinte, como espaço apetecido de salvação. Neste mundo dos vivos e com acontecimentos de encher a alma, é que os hebreus sentiam que era possível descobrir sentido e comprovar os significados mais saborosos da vida humana. No Antigo Testamento, preza-se mais o ser libertado da morte do que o teor de vida sugerida para além dela.<sup>31</sup> Para o além, poderia, eventualmente, sonhar-se com alguma oferta excepcional de vida eterna, análoga àquela que é normalmente reservada aos deuses. Esse sonho, sim, era apetecível.<sup>32</sup> Nesta linha, Richardson sublinha que: “O mais significativo desenvolvimento no conceito de salvação, durante o período intertestamentário, é a transferência do *locus* da salvação deste mundo, onde o Antigo Testamento o enraíza principalmente, para o mundo por vir.”<sup>33</sup>

30 Sl 88:6 et seq.

31 Kügler 2015c, 52.

32 Há numerosos casos no hebraico do Antigo Testamento em que transparece a ideia de uma exceção desejada para a situação dos mortos geralmente admitida. O sonho de uma imortalidade ou de um vida eterna no campo ou na terra dos vivos parecem nomes para esta desejada exceção (Sl 36:10; 56:14). Esta exceção parece ser um sonho apreciado já na cultura anterior de Canaã, tal como podemos ver na proposta de imortalidade feita a Aqhatu pela deusa Anat (*KTU* 1.17.vi.27-28; Dahood 1966, 222-223).

33 Richardson 1962, 176.

Na verdade, é clara a diferença de tonalidades de discurso a este nível de antropologia fundamental. Porém, os hebreus nunca definiram uma antropologia que fosse exclusivamente sua. Sempre compartilharam este tipo de convicções com as culturas do mundo semita em que se inseriam. Talvez esta questão da antropologia profunda se preste bem para aferir níveis de partilha e de interculturalidade. O facto é que a antropologia dos hebreus, em tempos bíblicos, era comum e partilhada com a generalidade das culturas semíticas.

Na época helenística, entretanto, assiste-se, neste ponto concreto, à convergência para uma plataforma ecuménica de antropologia profunda e alargada, na qual os próprios hebreus se vão introduzindo, deixando cada vez mais na penumbra a sua velha antropologia semítica do além. Pelos textos do Novo Testamento se nota que, no tempo de Jesus, este processo está claramente em curso entre os vários grupos de opinião do judaísmo.<sup>34</sup> No que toca ao primitivo discurso cristão sobre o além, este parece encontrar-se já integrado nessa nova plataforma de antropologia. As declarações cristãs do Novo Testamento sobre o além não são, por isso, um discurso especificamente cristão; elas entroncam na nova antropologia ecuménica. Por outro lado, alguns setores dentro do judaísmo mantinham-se ainda ligados ao fundo antropológico antigo dos semitas, como vimos acima.

Pouco a pouco, também o mundo hebraico da época helenística foi afinando o diapasão pela mesma antropologia ecuménica, e esta tornou-se representativa do espaço mediterrânico. Esta antropologia acabou por imbuir de analogias profundas o discurso das três religiões decorrentes da tradição bíblica: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. As divergências entre elas são sobretudo de mentalidade, cultura e discurso, exprimindo-se em fórmulas, nomenclaturas e práticas diferenciadas.

Há que ter em conta, no entanto, que a conceção hebraica de tempos bíblicos, que valoriza antropológicamente a vida neste mundo e na história, poderia muito bem considerar-se ainda pertinente e prestável, mesmo depois de a transposição da sanção ética para o além poder representar uma solução

---

34 Mt 22:23 par; At 23:7 et seq. Também Flávio Josefo nos dá testemunho disso (*LB* 2.16<sup>3</sup>-65; *AI* 18.4-5)

de algum modo lógica, por continuar a garantir validade para aspetos humanos essenciais depois da morte.

Mais ainda, o facto de não se fazer uma discriminação radical entre este mundo e o outro está de acordo com a conceção do tempo pressuposta no pensamento semita e bíblico. Nesta conceção, a eternidade é a dimensão de perenidade que vai decorrendo da experiência histórica e que se vai constituindo como a modalidade persistente do tempo e como uma forma consistente e perene do mundo. A eternidade é a dimensão de plenitude acolhida através da percepção da consciência humana, que se define intencionalmente, integrando a totalidade do tempo e a globalidade do mundo. Em pura representatividade de aceções semânticas, o termo hebraico *'olam* é o tempo profundo na medida em que já transcendeu as dimensões banais do quotidiano, ganhando assim uma consistência adequada para representar intencionalidades assentes no espaço da longa duração. Desta maneira, o mesmo termo, *'olam*, derivado da raiz *'alam*, que significa “esconder”, é o termo usado para significar realidades tão importantes e aparentemente diferentes como tempo primordial, século, mundo ou eternidade.<sup>35</sup> Tudo isto são globalidades recônditas e todos se designam com o mesmo termo: *'olam*. A eternidade não é entendida como uma realidade justaposta ao tempo e a ele impermeável; é, antes, uma temporalidade global, em que todas as realidades se encontram solidárias. Isso não impede que sejam pontualmente assumidas com modalidades diferentes de consciência.

Para dentro dos sucessivos patamares deste tempo diferenciado, mas de continuidades profundas, é a própria gestão das expectativas de salvação que se vai projetando. O futuro e, depois, o além são redutos em que progressivamente se vão anichando as esperanças do presente, adiadas mas nunca renegadas. A escatologia ou, na expressão hebraica, o “futuro dos dias” (*'aharit hayyamim*) é uma expressão, cada vez mais intensa, para futuros acumulados e adiados. Em hebraico, o próprio termo usado para designar o “futuro” contém já toda a alteridade do que é transcendente. O termo *'aharit*, normalmente traduzido por “futuro”, significa algo como “o que é outro” ou “aquilo que está depois” ou que fica “por de trás”, como realidade não acessível

---

35 Ramos 2006, 239-241; Krüger 2013, 472-473.

aos olhos. No uso de complementos preposicionais, o passado fica diante dos olhos e o futuro, atrás das costas.

Pela linguagem bíblica helenizada e assumida como categoria teológica, o conceito de escatologia engloba estes patamares finais e densos. Pode dizer-se que todos os desejos de salvação se concentram e habitam nestes patamares do futuro. Por isso, eles acabam por ser sinónimos uns dos outros, em muitos dos seus matizes. O presente, por seu lado, tanto pode ser considerado um lugar de paraíso, como em certos hinos de ação de graças, ou como lugar de inferno, como nos discursos apocalípticos. Com efeito, o presente prevalece como espaço onde tanto se acumulam fracassos e insatisfações como desejos e esperanças. A própria pressão da esperança é causadora de ansiedade, dor, urgência e impaciência.

Por contexto espiritual do tempo, a sensibilidade do Novo Testamento era já bastante voltada para a escatologia. Entretanto, o acentuar da sensibilidade helenística para o individual levou a que, pouco a pouco, começasse a ser menos sublinhada a dimensão social, coletiva e histórica de salvação.

Face a este horizonte de expetativas, realizações e insatisfações, a salvação continua a ser o objeto essencial da esperança.<sup>36</sup> O desejo é a nossa própria realidade estrutural de homens. Nada obsta que a desejada salvação esteja principalmente conotada com Deus; é ele o agente e detentor exclusivo dessa capacidade de salvação. Por isso, aparecem sempre na boca de Deus expressões como “a minha salvação”; e no discurso humano dirigido a Deus, diz-se “a tua” ou “a sua salvação”. Deus é agente e garante; o homem é o sujeito de salvação. Com efeito, o conceito de salvação tem uma relação muito intensa com os humanos, que são objeto da sua intencionalidade e sujeito de toda a sua expetativa. Por isso, em alguns dicionários, este tema aparece como “a expetativa da salvação”.<sup>37</sup> A antropologia, âmbito em que estes movimentos se definem, não mudou muito nos longos milénios analisados.

Podemos, assim, revalorizar o conceito de salvação na história como uma experiência de âmbito coletivo. Esta revalorização tem que ver com o

---

36 Rahner et Vorgrimler 1966, H, 671.

37 Nelis et Lacocque 1987, 165.

aprofundar da reflexão sobre o sentido do messianismo, em contexto judaico, cristão ou ecumênico. A questão das mediações messiânicas cruza-se em diversas modalidades com as fases históricas desta gestão da esperança de salvação.

Articulando-se, com alguma tensão, entre uma salvação centrada neste mundo e a salvação projetada no outro, o pensamento judaico da época bíblica parece pender mais para a primeira.<sup>38</sup> De qualquer modo, o judaísmo sente alguma dificuldade em destrinçar com clareza entre estes dois polos e em traçar entre eles uma linha divisória. Parece mais evidente o essencial, nomeadamente, que “*el judaísmo es una experiencia de gratuidad y de vida, es una esperanza de salud y de paz (shalom) [satisfação], que constituye la verdad y plenitud definitiva para los hombres*”.<sup>39</sup> Trata-se de uma atitude de confiança geral na vida, um postulado otimista para a mesma. Quanto às experiências e ocorrências de salvação, elas podem tomar todas as formas, das simples às mais complexas.

## Salvação e redenção

Pelo facto de representar um conceito essencial dentro do sistema de ideias do judeo-cristianismo, o conceito de salvação teria necessariamente de arrastar para o seu âmbito outros conceitos sinónimos, tais como os de justificação, justiça, etc. Mas são tantos que não podemos abarcar aqui tantos conceitos homólogos.

Justifica-se, entretanto, abrir uma exceção para o conceito de redenção, dada a sua imensa ressonância e a maneira como, no cristianismo, ele parece sobrepor-se com frequência ao próprio conceito de salvação. Este conceito de redenção, dito com várias raízes, como *ga'al*, *padab*, pode coincidir no essencial com o de salvação, como seja o de “soltar, libertar do cativo, devolver ou recuperar algo perdido, resgatar”.<sup>40</sup> Redenção, no entanto, exprime um modelo específico de salvação, com bases e aspetos bastante diferentes; serve também de base para modelos de religiosidade bem diferentes. Em matéria de títulos

38 Pikaza 2009, 1024.

39 Pikaza 2009, 1025.

40 Richardson 1966, 218.

cristológicos, Jesus é declarado Salvador, mas também Redentor. Os dois títulos concorrem entre si como os mais notórios. Poder-se-ia pensar que seriam sinónimos. Na literatura de base do Novo Testamento, a primazia parece ir claramente para o título de Salvador. É pelo menos esse que é aduzido como fórmula de identidade essencial, no anúncio do nascimento de Jesus.<sup>41</sup> E é esse que herda diretamente a titulação divina do Antigo Testamento mais atinente à salvação.

Com o tempo, o cristianismo, no tocante às semânticas de salvação, foi sublinhando mais o lado individual do que o coletivo. Para a salvação na história, o cristianismo abandona as ressonâncias de tipo étnico e nacionalista, que marcam o messianismo judaico. Deste modo, encontra-se em linha de maior convergência com a afirmação da convergência com o lado individual, ao modo helenista.

Entretanto, os textos do Novo Testamento continuam a espelhar claramente as duas vertentes complementares da salvação. A coletiva seria mais de realização histórica e teria o aspeto de uma visão utópica e messiânica para a vida em sociedade. Esta conceção aparece expressa nas parábolas do reino de Deus; ela corresponde mais ao título cristológico de Salvador e concentra-se mais intensamente no discurso de Jesus, e poderia igualmente ser mais fiel até à cultura religiosa semítica.

A segunda modalidade de salvação espelha diretamente uma antropologia mais concentrada na dimensão individual. O título cristológico de Redentor é aquele que traduz melhor esta vertente; e dentro do Novo Testamento ela fica essencialmente ligada ao discurso característico de Paulo, mais enquadrado no meio cultural helenista. Desta maneira, o Novo Testamento acaba por recolher as duas vertentes complementares. Para a antropologia social de salvação histórica, a figura de mediador apropriada seria a de Salvador; para a antropologia individual de salvação escatológica, o mediador seria mais precisamente designado como o Redentor. Um livro como o Apocalipse, por exemplo, cujo contexto de origem tem mais marcas de salvação coletiva e

---

41 Lc 1:31.

histórica segundo o modelo messiânico, tendeu a ser intensamente lido, ao longo da história, numa perspectiva escatológica e redencionista voltada para o além. O sentir original do Novo Testamento privilegia a leitura tradicional, no sentido de reconstruir o ideal de vida social no horizonte deste mundo: “A teologia do Novo Testamento é basicamente uma reinterpretação do plano profético de salvação do Antigo Testamento e não um apanhado de apocalíptica judaica e de fantasias gnósticas do helenismo.”<sup>42</sup> Apesar das diferenças de vocabulário e de pressupostos filosófico-antropológicos,

em última análise, todos os conceitos de salvação do Novo Testamento podem ser explicados de modo satisfatório por referência ao Antigo Testamento. Com efeito, a teologia profética é a base do esquema neotestamentário de salvação. O plano de salvação do Novo Testamento é uma redescoberta do querigma profético do Antigo Testamento, à luz do ministério, morte, e ressurreição de Jesus Cristo.<sup>43</sup>

O fator que, entretanto, mais contribuiu para o desenvolvimento do conceito de redenção, em alternativa ao de salvação, terá sido o crescimento da importância do conceito de pecado na antropologia religiosa. Com ele, a necessidade de salvação centra-se principalmente no domínio da reparação moral com incidência no destino individual. Ora, o conceito de salvação não assentava em questões morais de que o resgatado fosse culpado; a salvação dependia de problemas reais, em que aquele que é salvo se encontrava como vítima. O pecado era, no Antigo Testamento bem como no antigo Oriente, uma referência ritualmente muito falada, mas resolvia-se dentro da dinâmica de rituais específicos e não entrava tão intensamente no conceito de salvação ou de gestão da história e do seu bem-estar (*šalom*). Um papel mais significativo do conceito de pecado foi-se desenvolvendo e, perdendo-se o tratamento do tema do pecado como questão ritual, acentuou-se a sua ressonância no sentido teológico. Com a passagem da teologia judaica para a cristã, resultou maior ainda a incidência do conceito de redenção no âmbito pessoal e individual. A valorização teológica da morte de Jesus explicitou mais as virtualidades de redenção. E Jesus parecia ser mais o Redentor do que o Salvador.

---

42 Richardson 1962, 176.

43 Richardson 1962, 176-177.

Pela valorização do lado coletivo e nacionalista da salvação, o judaísmo não desenvolveu tanto as teologias de tipo redencionista, apesar da intensidade dada ao tema na festa do Kippur, o Grande Perdão. Pelo crescer do conceito de redenção, em contrapartida, o cristianismo matizou diversamente o conceito de salvação e afirmou uma universalidade que parecia abarcar a totalidade dos humanos, porque garantia o destino individual e íntimo de cada um. Em termos muito genéricos, podemos dizer que o cristianismo se orientou mais para semânticas de redenção, enquanto o judaísmo se manteve mais na linha das coordenadas messiânicas de salvação.

## **O lugar da salvação e o conceito englobante de eternidade**

As questões sobre o lugar da salvação têm especial relevância, porque parecem instituir uma dicotomia entre um lugar de salvação neste mundo ou numa antropologia projetada para o além. Estas modalidades distinguem experiências de salvação radicalmente diferentes e assentam em diferentes razões de evidência.

A questão que se levanta é sobre a pertinência das doutrinas de salvação neste mundo, como eram as dos hebreus no tempo da Bíblia, e aquelas que, pelo contrário, parecem simplesmente projetadas para o além. Como a experiência acumulada ao longo da história tende a acumular desilusões, é natural projetar-se para mais além o resto das intencionalidades positivas, consideradas irrenunciáveis, mas que se prevê não conseguirem ser realizadas neste mundo. Assim se mantém e se assume a força da intencionalidade antropológica. A antropologia fundamental parece dar-nos indícios dessa consciência de intencionalidade desde épocas muito remotas. Aliás, na Antiguidade, é bem conhecida a opção entre um lugar de salvação, principalmente neste mundo, e um outro lugar, principalmente no outro mundo. No primeiro caso, estão os hebreus da Bíblia, que, como semitas, viam o estado de felicidade sobretudo como uma coisa que fazia sentido e era razoável se acontecesse neste mundo. Os problemas a ultrapassar e as conquistas a alcançar eram, neste caso, mais claras de definir.

Pelo contrário, sabemos como os egípcios investiam, pelo imaginário, pela economia e pelo ritual, numa salvação mais projetada para o além.

Em cada um destes casos, estamos perante definições de salvação com tonalidades diferentes. Quando localizada neste mundo, a salvação pode tranquilamente significar liberdade, bem-estar, saúde, justiça, sucesso individual, coletivo e nacional, entre outras coisas desejáveis, numa palavra: *šalom* (satisfação). Os vivos estão em condições de matizar as suas expetativas com minúcia. Já para os egípcios, localizada no além, a salvação é sobretudo uma boa imortalidade, sem esquecer a variada gama de satisfações, mesmo virtuais, a que um imortal podia sempre aspirar.

De qualquer modo, em nenhuma destas culturas se renunciava ao outro lado da salvação. Nem os hebreus renunciavam a sonhos, inseguros mas ambiciosos, sobre uma perspectiva feliz no além, nem os egípcios desvalorizavam felicidade e bem-estar neste mundo, tanto do ponto de vista individual como social e político. Podemos dizer que egípcios e hebreus coincidiam numa visão messiânica sobre o destino da sua sociedade na história; e, de qualquer maneira, ambos eram humanos. Isto significa que a questão do lugar da salvação não precisa de renegar nenhum dos lugares ou modalidades significativas da antropologia.

Esta longa história na definição e gestão das expetativas que configuram o conceito de salvação deixa-nos conscientes de que ambos os lugares de salvação, o aquém como o além, se podem considerar pertinentes. Não há que contrapor a antropologia hebraica bíblica, com o foco voltado para a vida neste mundo, e a antropologia judaica pós-bíblica, que olha para o futuro depois da morte com os olhos da antropologia ecuménica fundamental.

Um conceito integrado de tempo caracteriza, como vimos, o pensamento hebraico, segundo o qual a eternidade não é um tempo autónomo de antes e depois do nosso tempo. A eternidade é um fio contínuo, essencial e profundo, da consciência humana que engloba intencionalmente toda a realidade. Nesta definição, o hiato experimental introduzido pela morte nem sequer significa uma rutura. Esta é uma visão unificada do tempo total, de toda a realidade, na perspectiva de uma metafísica da consciência. É neste âmbito de intencionalidade da consciência que podemos analisar o mundo com a convicção de es-

tarmos a manejar realidades. Nesta perspectiva, a consciência assume-se, sem arrogância, mas com alguma ansiedade, como uma realidade absoluta.

Desta maneira, é religiosamente significativo cuidar do destino futuro e procurar conseguir dele a dose de antegosto possível; mas é também religiosamente significativo cuidar do destino individual e coletivo, espiritual e material, neste mundo. Este último cuidado tem talvez maior razão, porque é mais imediato e mais definido e evidente. O bem comum e a dedicação generosa em favor do mesmo é uma opção religiosa pertinente e fundamental. Andando nisto a dimensão religiosa da utopia.<sup>44</sup> Isto consiste em acolher o messianismo como ideal de bom convívio universal e não como uma estratégia nacionalista de poder. A salvação de modelo messiânico tem todos os ingredientes para poder expurgar o nacionalismo que a institucionalização e instrumentalização das virtualidades da justiça e da identidade étnica poderiam espoletar.

A visão da história como eternidade salvífica soa a algo de épico, epicamente teológico e epicamente filosófico. Na verdade, a história da salvação partilha todas as ressonâncias épicas da antropologia mítica. E a percepção de tipo religioso é da ordem do metafórico, integrando estas ressonâncias de empolamento mítico e épico de antropologia simbólica. É por entre mito e epopeia que se projetam os sonhos; e são eles o cerne mais pertinente da nossa antropologia e da nossa religião. É por aí que deve andar a salvação.

Uma visão englobante do aquém e do além só não é inteiramente apaziguadora, porque continua a integrar intrigantes aporias. Naturalmente, estas aporias incomodam e obnubilam o horizonte do humano, mas aplicam-se de forma universal e unívoca, sem olhar à condição religiosa de cada um.

Os nomes alternativos de salvação, como sejam os de paz, saúde, justiça, vida, redenção, restauração ou nova criação, contribuem para definir a salvação como um núcleo de valores essenciais. A salvação tende, de facto, a representar coisas essenciais e facilmente compreensíveis, as quais representam plataformas comuns entre todas as religiões.

Aquilo que diverge são sobretudo fórmulas, mediações, percursos e sobretudo discursos. Conscientes desta polissemia, os dicionários costumam

---

44 Franz et al. 2003, 424.

alistar, como parte da sua análise, os variados equivalentes que podem concorrer para o conceito de salvação.<sup>45</sup> Hoje, poderíamos, com grande naturalidade, referir como equivalente o conceito de realização plena do horizonte humano. A plenitude é, na simbólica do Novo Testamento, uma meta de crescimento, com dinâmica da salvação.<sup>46</sup>

Em suma e no fundo, a salvação é o espaço de resposta para o horizonte de aporias que pesa sobre o humano, segundo a metafísica da consciência.<sup>47</sup> A expectativa de salvação poderia significar, para a consciência, a tentativa de garantir para si mesma algum descanso, face às múltiplas interrogações. Esta expectativa pode, no entanto, ser também a expressão nuclear de uma autodefinição, que pode ter algum alcance ontológico e que pode sugerir, em matéria de desejo, a transparência de uma intencionalidade de ser.<sup>48</sup> A salvação mantém todas as afinidades com algo que poderia ser designado como um sentido de vida intensamente intuído e afanosamente procurado. É a totalidade do mundo na balança da consciência.

---

45 Fazem-no em lista de entrada como Richardson (1962, 169) e Pikaza (2009, 1024); ou no interior da própria síntese, como Nelis et Lacoque (1987, 165). A amplidão polissêmica destes conceitos é, portanto, um facto assumido com toda a consciência.

46 Gl 4:4; Ef 1:10.23.

47 Gunneweg 1998, 340.

48 O ar caracteristicamente filosófico que estas expressões mostram não é por modos retóricos; faz parte das posições filosóficas que andam implícitas nos sistemas de pensamento religioso. É essa naturalmente a sua base de pensamento (Jaspers, 1966, 229 et seq.). Vide também a fundamentação epistemológica de Franz et al. (2003, 7-9) e de Duarte (2002), sobretudo o cap. II, 97-143. O livro organizado por Faber apresenta as bases filosófico-teológicas para uma valorização do desejo nos dinamismos de uma filosofia ou teologia de processo (Faber 2004, 11-18).

## BIBLIOGRAFIA

- Assmann, Jan. 2015. *Exodus, die Revolution der alten Welt*. Darmstadt: WBG.
- Bíblia Sagrada*. 2008. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica.
- Collins, John, J. 2010. *A Imaginação Apocalíptica*. São Paulo: Paulus.
- Dahood, Mitchell. 1966. *Psalms I (1-50)*. New York: Doubleday and Company.
- Duarte, Joaquim Cardoso. 2002. *A Poética do Desejo de Deus*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Faber, Roland. 2004. *Gott als Poet der Welt: Anliegen und Perspektiven der Prozesstheologie*. 2.<sup>a</sup> ed. Darmstadt: WBG.
- Franz, Albert, Wolfgang Baum, et Karsten Kreuzer. 2003. *Lexikon philosophischer Grundbegriffe der Theologie*. Darmstadt: WBG.
- Gonçalves, Francolino, J. 1986. *L'expédition de Sennachérib en Palestine dans la littérature hébraïque ancienne*. Louvain: Institut Orientaliste.
- Gunneweg, Antonius. H. J. 1998. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica/Edições Loyola.
- Jaspers, Karl. 1966. *Introduction à la philosophie*. Paris: Plon.
- Jenni, Ernst, et Claus Westermann. 1971. *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. München/Zürich: Chr. Kaiser Verlag/Theol. Verlag.
- Krüger, Thomas. 2013. "Zeit." In *Wörterbuch alttestamentlicher Motive (WAM)*, hrsg. Michael Fieger, Jutta Krispenz, et Jörg Lanckau, 471-475. Darmstadt: WBG.
- Kügler, Joachim. 2015a. "Erlösung." In *Handbuch theologischer Grundbegriffe zum Alten und Neuen Testament (HGANT)*, hrsg. Angelika Berjelung et Christian Frevel, 167-168. 4.<sup>a</sup> ed. Darmstadt: WBG.
- . 2015b. "Rettung." In *Handbuch theologischer Grundbegriffe zum Alten und Neuen Testament (HGANT)*, hrsg. Angelika Berjelung et Christian Frevel, 377-378. 4.<sup>a</sup> ed. Darmstadt: WBG.
- . 2015c. "Soteriologie." In *Handbuch theologischer Grundbegriffe zum Alten und Neuen Testament (HGANT)*, hrsg. Angelika Berjelung et Christian Frevel, 51-55. 4.<sup>a</sup> ed. Darmstadt: WBG.
- Markl, Dominik. 2013. "Exodus." In *Wörterbuch alttestamentlicher Motive (WAM)*, hrsg. Michael Fieger, Jutta Krispenz, et Jörg Lanckau, 128-134. Darmstadt: WBG.
- Nelis, Jan T, et André Lacocque. 1987. "Attente du salut." In *Dictionnaire encyclopédique de la Bible*, 165-167. Turnhout: Brepols.
- Pikaza, Xabier. 2009. "Salvación: judaísmo, cristianismo." In *Diccionario de las tres religiones: judaísmo, cristianismo, islam*, ed. Xabier Pikaza et Abdelmumin Aya, 1024-1025. Estella: Verbo Divino.
- Rahner, Karl, et Herbert Vorgrimler. 1966. *Diccionario teológico*. Barcelona: Editorial Herder.
- Ramos, José Augusto. 2006. "O Espaço do Tempo, segundo o Judaísmo." *Cultura* 23:33-52. Doi:10.4000/cultura.1470.
- . 2012. "A Justiça e os Seus Sinónimos: Modelos de Univocidade na Expressão Pré-Clássica do Essencial." *Cultura* 30:51-62. Doi:10.4000/cultura.1551.
- Richardson, Alan. 1962. "Salvation, Savior." In *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George Arthur Buttrick. Vol. IV, 168-181. New York: Abingdon Press.

———. 1966. *Introdução à Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Aste.

Schoekel, Luis Alonso, dir. 1991. *Diccionario bíblico hebreo-español*, fasc. 4. Valencia: Institución San Jerónimo.

Stolz, F. 1971. “יָסַף hi. helfen.” In *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, hrsg. Ernst Jenni et Claus Westermann. Vol. I, 785-790. München/Zürich: Chr. Kaiser Verlag/Theol. Verlag.

Zorell, Franciscus, ed. 1968. *Lexicon hebraicum et aramaicum Veteris Testamenti*. Editio photomecânica. Roma: Pontificium Institutum Biblicum.





**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**SUPLEMENTO | SUPPLEMENT**

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues

## CADMO – SUPLEMENTOS

Os *Suplementos da Cadmo – Revista de História Antiga* são uma colecção associada a esta publicação periódica. Sediada no Centro de História da Universidade de Lisboa, esta colecção tem como objectivo acolher e editar monografias e volumes de estudos individuais e colectivos, cujo denominador comum seja a Antiguidade. As obras a serem publicadas incluirão trabalhos não apenas sobre a Antiguidade Pré-Clássica ou Próximo Oriental (no âmbito da Egiptologia, da Assiriologia, dos Estudos Bíblicos e Anatólicos) e a Antiguidade Clássica (no domínio dos Estudos Helénicos ou Romanístico-Latinos), mas também sobre a Recepção desses períodos históricos e de temas com eles relacionados em épocas posteriores (Idade Média, Modernidade, Época Contemporânea e Tempo Presente). As publicações poderão tratar de problemáticas relacionadas com os mais variados domínios – como por exemplo a História Institucional e Política, a História Económica e Social, a História Cultural, a História das Ideias, as Representações Mentais ou as Expressões Culturais, da Literatura às Artes Plásticas –, privilegiando perspectivas interdisciplinares que incluam não só a História, a Filologia e a Arqueologia, como outras ciências e disciplinas, do Direito à Biologia. Os *Suplementos da Cadmo* cumprem assim a sua função de publicar e difundir resultados de investigação historiográfica dos investigadores, e não só, do Centro de História da Universidade de Lisboa, integrando-se nas actividades dos grupos de investigação desta unidade de I&D.

**Nuno Simões Rodrigues**

*Director da Cadmo – Revista de História Antiga*

## CADMO – SUPPLEMENTS

*Cadmo – Supplements* is a book series associated with *Cadmo – Journal for Ancient History*. Based at the Centre for History of the University of Lisbon, this book series aims at hosting and editing monographs and volumes of individual and collective studies whose common denominator is Antiquity. We intend to publish works not only on Pre-Classical or Near-Eastern Antiquity (within the scope of Egyptology, Assyriology, Biblical and Anatolian Studies) and Classical Antiquity (within the domain of Hellenistic or Romanistic-Latin Studies), but also on the reception of those historical periods and of themes related to them in later periods (Middle Ages, Modernity, the Contemporary Period and Present Time). The publications may deal with problems related to the most varied domains – such as Institutional and Political History, Economic and Social History, Cultural History, History of Ideas, Mental Representations or Cultural Expressions, from Literature to the Plastic Arts –, giving priority to interdisciplinary perspectives that include not only History, Philology and Archaeology, but also other sciences and disciplines, from Law to Biology. *Cadmo – Supplements* thus fulfils its function of publishing and disseminating results of historiographical research not only of the Centre for History of the University of Lisbon researchers', and others, integrating itself in the activities of the research groups of this R&D unit.

**Nuno Simões Rodrigues**

*CADMO – Journal for Ancient History, Editor-in-chief*

Os discursos soteriológicos e as suas manifestações, como marcadores identitários em contextos históricos de encontro e interacção cultural, constituem um tema de grande actualidade. Suscitam, por isso, interesse em inúmeros campos do saber, incluindo a história. Os estudos agora publicados percorrem um espectro de longa duração, desde a civilização egípcia e as culturas clássicas, até à modernidade, incluindo estudos sobre o islão, o judaísmo e o cristianismo, convocando contextos coloniais e de diáspora.

*Soteriologias. Identidades e Salvação* é representativo do campo alargado de interesses, dos caminhos de debate trilhados e dos fios de convergência tecidos no CH-ULisboa. Que este volume seja mais um testemunho de que é no conhecimento científico e no trabalho colaborativo, sempre sob o primado da liberdade, da solidariedade e da entreatajuda, que reside a chave para a superação dos desafios que a humanidade enfrenta.

CH  
CENTRO DE HISTÓRIA

---